

## NARCISISMO E SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO

NARCISSISM AND SEXUALITY IN AGING

Simone Engbrecht<sup>1</sup>

Resumo: Retomaremos a relação entre narcisismo e sexualidade a fim de fundamentar a compreensão sobre a organização da sexualidade no corpo de uma pessoa que tenha ultrapassado a idade reprodutiva. Para tanto, iremos associar a última fase através da qual passa a organização da sexualidade com a hipocondria e com a identificação ao final do Complexo de Édipo. No sujeito que ultrapassou a idade reprodutiva o conflito entre os interesses narcisistas e a catexia libidinal é revivido. É preciso que o sujeito possa sair de uma reprodução marcada pela repetição para uma reprodução marcada pela criação. A identificação necessária neste momento é com os pais castrados, ou seja, aqueles que um dia, apesar da sua finitude, tornaram-se eternos através de sua herança. A identificação com pais castrados não é a identificação com pais mortos, mas a identificação com pais satisfeitos com seu corpo castrado, ou seja, com sexualidade genital adulta e não apenas fálica.

Palavras-chave: Narcisismo. Sexualidade. Hipocondria. Identificação. Reprodução.

*Abstract: We will retake the relation between narcissism and sexuality in order to substantiate the understanding of the organization of sexuality in the body of a person who has passed the reproductive age. In order to do that so, we will associate the last stage through which passes the organization of sexuality with hypochondria and with the identification at the end of the Oedipus Complex. The subject who has passed the reproductive age has the conflict between the narcissistic interests and the libidinal cathexis revived. It is needed that that subject may become able to leave a reproduction that has been marked by repetition for a reproduction set by creation. The required identification for him/her, at this time, is with the castrated parents, ie, those that someday, despite their finitude, became eternal through their inheritance. Identification with castrated parents is not identification with dead parents, but the identification with parents who are happy with their castrated body, ie, with adult genital sexuality and not just with phallic sexuality.*

*Keywords: Psychosis, transference love, construction under analysis, symbolization.*

A vida é breve, mas nela cabe muito mais do que somos capazes de viver. (José Saramago)

O texto de Freud (1914/1980) *Sobre o narcisismo: Uma introdução*, neste ano completa cem anos de sua publicação. Refletindo sobre a passagem do

<sup>1</sup>Psicóloga e psicanalista. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, na qual realizou sua formação em Psicanálise e foi diretora de ensino na gestão 2004/2006 e atualmente também exerce essa função. É também supervisora e coordenadora de seminários desta instituição. Trabalha na área clínica com adolescentes e adultos. Autora dos livros *Aprendendo a lidar com a depressão* (2001) e *O amor não é surdo. Reflexões sobre o amor* (2008), ambos da Editora Sinodal. Email: engbrech@terra.com.br

tempo deste texto e a passagem do tempo na vida de cada indivíduo, retomaremos a relação entre o narcisismo e a sexualidade, a partir de algumas situações específicas no envelhecimento do sujeito.

Freud (1914/1980) propõe duas questões no texto sobre o Narcisismo. Ambas dizem respeito a essa relação que pretendemos clarear, entre estes temas fundamentais na obra de Freud: a sexualidade e o narcisismo. A primeira diz respeito à distinção entre autoerotismo e narcisismo. A segunda, que nos interessa especialmente para esta reflexão, abre uma discussão sobre a distinção entre libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do ego. Essa distinção está relacionada à afirmação de Freud de que “somente quando há catexia objetual é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego” (p. 92).

Freud (1914/1980) faz tanto a distinção entre fome e amor como também considera que o indivíduo leva uma existência dúplice: uma para servir às suas próprias finalidades e a outra como um elo em uma corrente, que ele serve contra sua vontade, ou, pelo menos, involuntariamente: a da reprodução da espécie. O indivíduo é um veículo mortal de uma substância imortal. Freud adverte, ainda, que as ideias em psicologia são provisórias e, presumivelmente, basear-se-ão em uma subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Foi levando esta probabilidade em consideração que Freud substituiu as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais.

É sobre esse viés teórico, de considerar a mortalidade individual e a imortalidade na reprodução da espécie, que associamos aqui o texto de Freud escrito seis anos depois. Encontramos nesse ensaio de 1920, *Além do princípio do prazer*, que ele trabalha o tema da vida e da morte e fundamenta o conceito de compulsão à repetição. Dentro desse texto encontramos a ideia de que o caráter multicelular dos organismos se tornou um meio capaz de prolongar a sua vida. Freud (1920/1980) declara uma desconfiança: “mesmo antes de dispormos de qualquer compreensão clara do narcisismo, a psicanálise já desconfiava que os ‘instintos do ego’ tinham componentes libidinais a eles ligados” (p. 73).

Freud, na dualidade de 1920, portanto, torna mais complexo o tema da sexualidade, com a discussão sobre o tema da vida e da morte. Numa nota de rodapé ao final do sexto capítulo de *Além do Princípio do Prazer* acrescenta que os instintos sexuais foram compreendidos a partir de sua relação com os sexos e a sua função reprodutora. Com a hipótese da libido narcisista e com a extensão do conceito de libido às células individuais, o instinto sexual foi transformado em Eros, que procura manter juntas as partes da substância viva. Os instintos sexuais são a parte de Eros voltada para os objetos. Eros opera desde o princípio da vida e aparece como um “instinto da vida”, em oposição ao “instinto de morte”, criado pela animação da substância orgânica. No início, Freud distinguiu instintos do ego como sendo o oposto dos instintos sexuais. Mais adiante (com o texto sobre o narcisismo, de 1914), os instintos narcisistas e

autoconservadores foram incluídos entre os instintos sexuais libidinais. E a oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais transformou-se entre os instintos do ego e os instintos de objetos, ambos de natureza libidinal. No lugar desta oposição, em 1920, surgiu uma nova entre os instintos libidinais (do ego e do objeto) e outros instintos, aos quais há de se supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser observados como instintos destrutivos: a oposição entre instintos de vida e instintos de morte.

A relação entre narcisismo e sexualidade pode aqui fundamentar a compreensão sobre o tabu à sexualidade no corpo de uma pessoa que tenha ultrapassado a idade reprodutiva. Podemos encontrar um tabu relacionado à sexualidade após o luto da sexualidade vinculada ao caráter reprodutivo, e um tabu aos mortos relacionado à proximidade do corpo envelhecido. Antes, porém, de relacionarmos o narcisismo envolvido nesta questão, retomaremos brevemente aqui a história da sexualidade.

Foucault (1985/2002), no terceiro volume da *História da Sexualidade*, alerta que devemos ter em mente que os princípios da austeridade sexual não foram definidos pela primeira vez na filosofia da época imperial:

Foi possível reencontrar no pensamento grego do século IV formulações que não eram nem um pouco menos exigentes. No final das contas, vimos que o ato sexual parece ter sido considerado desde há muito tempo como perigoso, difícil de ser dominado e custoso; a medida exata de sua prática possível e sua inserção num regime atento foram exigidas desde há muito tempo. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 233).

Foucault (1985/2002) sublinha também, com frequência, quão intenso e difundido era o gosto pela coisa médica na época dos flavianos e dos antoninos. A medicina era amplamente reconhecida como prática de interesse público. Era também reconhecida como uma forma elevada de cultura, próxima da retórica e da filosofia.

As análises de Galeno a propósito dos *aphrodisia* se situam no interior da temática antiga das relações entre morte, imortalidade e reprodução; para ele, como para toda uma tradição filosófica, é na falta de eternidade que se enraíza a necessidade da separação dos sexos, a intensidade de sua atração recíproca e a possibilidade da geração. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 110).

Existe, portanto, todo um governo dos *aphrodisia* cujos princípios e razões de ser se situam na preparação da descendência. Não é que exista obrigação de praticar as relações sexuais somente para ter filhos: lembra as condições da fecundidade provável sejam determinadas com cuidado, não é para fixar por meio delas os limites do ato legítimo, mas como uma opinião útil para quem tem cuidados com a sua progenitura. E se esta constitui uma preocupação importante, é sob a forma de um dever que os genitores poderiam ter em relação a ela; trata-se, também, de uma preocupação em relação a eles mesmos já que lhes útil ter uma descendência dotada das melhores qualidades. (FOUCAULT, 1985/2002, p. 130).

Essas obrigações que envolvem a procriação definem todo um conjunto de erros possíveis que são ao mesmo tempo faltas, como, por exemplo, a idade do sujeito. O uso dos *aphrodisia* não deve se prolongar demasiado tarde, nem começar demasiado cedo.

Interessante é que a recomendação inicia pelo limite final. Galeno (FOUCAULT, 1985/2002, p. 131) argumenta que são perigosas as relações sexuais realizadas quando se é velho: elas esgotam um corpo incapaz de reconstituir os princípios que lhe foram retirados.

O estudo do narcisismo abriu nova compreensão sobre o tema da sexualidade infantil e da homossexualidade. Conforme Jones, mais ou menos na mesma época em que Freud declarou, na Sociedade Psicanalítica de Viena, que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o autoerotismo e o amor objetal, ele preparava a segunda edição dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* onde parece provável que a primeira menção publicada do novo termo se encontra numa nota de rodapé acrescentada àquela edição:

É verdade que a psicanálise ainda não apresentou uma explicação completa da origem da inversão; entretanto, descobriu o mecanismo psíquico de seu desenvolvimento e prestou colaboração essencial à exposição dos problemas em questão. Em todos os casos que examinamos, expusemos o fato de que os futuros invertidos, nos primeiros anos de sua infância, atravessam uma fase de fixação muito intensa, mas muito curta, em uma mulher e se consideram, eles próprios, seu objeto sexual. Isto é, partem de uma base narcísica e procuram um rapaz que se pareça com eles próprios e a quem eles possam amar como eram amados por sua mãe. (FREUD, 1910/1980, p. 145, nota de rodapé).

Sendo que essa nova edição apareceu no início de 1910 e neste mesmo ano Freud no livro sobre Leonardo faz uma referência extensa ao narcisismo. Nesta obra ele entende que, em alguns casos, o menino, ao reprimir o amor por sua mãe, coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a quem devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo, ele transforma-se em um homossexual. E o que de fato aconteceu foi um retorno ao autoerotismo, pois os meninos que ele agora ama à medida que cresce são apenas figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram o seu objeto de amor segundo o modelo de narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega, era um jovem que preferia a sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome.

Reservemos esta ideia do narcisismo como um modelo de escolha sexual e alicercemos a compreensão da organização genital adulta.

Freud (1923/1980) reafirma em *A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)* que o estabelecimento da primazia dos genitais a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade.

A questão aqui se apresenta da seguinte maneira: Como ficaria a organização da sexualidade quando o período reprodutivo do corpo do indivíduo se encerrou?

Sabemos do tabu envolvido em toda a revelação da sexualidade infantil através da psicanálise. A resistência à sexualidade infantil não está alicerçada na observação da sexualidade nas crianças, mas na resistência à sexualidade propriamente dita.

Freud, em 1923, revela a sua insatisfação com a afirmação realizada em 1905 de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. Corrige afirmando que a aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação das pulsões parciais sob a primazia da genitalidade; o interesse nos genitais e em sua atividade adquire significação dominante. E, ao mesmo tempo, a característica principal dessa “organização genital infantil” e a sua diferença da organização genital final do adulto está na primazia do falo.

Freud reviu a diferença entre pênis e falo, a fim de ampliar a ideia da organização genital infantil. Reprodução, da mesma forma, não pode ser um conceito reduzido à repetição de si mesmo através da prole. Reprodução, na civilização, diferenciamos de procriação simplesmente. E, nesse sentido, refletimos aqui sobre a ideia de que o tabu em relação à sexualidade de adultos com idade superior ao período reprodutivo possa ser uma reedição do tabu em relação à sexualidade infantil.

Nesse texto centenário de Freud (1914/1980) encontramos a raiz e várias reflexões sobre a sexualidade do indivíduo. O narcisismo seria, conforme definição de Freud (1914/1980), um complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva.

Nesse texto também ele avalia a influência da doença orgânica sobre a distribuição da libido. Quando uma pessoa é atormentada por um mal-estar orgânico deixa de se interessar pelas coisas do mundo externo e retira o interesse pelos objetos amorosos: enquanto sofre, deixa de amar. A libido e o interesse do ego partilham aqui do mesmo destino.

Gostaríamos de salientar aqui a relação entre a sexualidade e os interesses do ego no adoecimento, a fim de retomarmos a nossa questão sobre a sexualidade no envelhecimento. Um corpo envelhecido não é um corpo doente, porém, o psiquismo precisa lidar neste momento com a perda do corpo jovem, um luto, e, ao mesmo tempo, com o fato de sua sexualidade ultrapassar o período reprodutivo.

Há a necessidade deste duplo movimento neste período, um luto de um corpo jovem e uma redistribuição da libido nele. É no mesmo texto do *Narcisismo* que encontramos outra diferenciação que aqui nos interessa: a compreensão da hipocondria.

A hipocondria apresenta semelhanças com a doença orgânica: sensações

corpóreas aflitivas e penosas, o efeito de distribuição da libido concentrada no órgão que lhe prende atenção. Ao questionar-se sobre a diferença de as sensações orgânicas basearem-se ou não em mudanças orgânicas demonstráveis, Freud considera a erogenicidade como uma característica geral de todos os órgãos e, a partir disso, para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos poderia, então, verificar-se uma modificação paralela da catexia libidinal no ego.

O represamento da libido no ego é experimentado como desprazer, pois é a expressão de um grau mais elevado de tensão. É necessário, para a nossa vida mental, ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos quando a libido excede certa quantidade.

“Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.” (FREUD, 1914/1980, p. 101).

A libido do ego não se transforma apenas em catexia objetal ao longo do desenvolvimento do indivíduo. A partir do complexo de castração, o homem pode fixar um ideal a si mesmo pelo qual mede o seu ego atual.

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e, quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ideal de ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal. (FREUD, 1914/1980, p. 111).

Uma parte da auto-estima é primária – o resíduo do narcisismo infantil; outra parte decorre da onipotência que é corroborada pela experiência (a realização do ideal do ego), enquanto uma terceira parte provém da satisfação da libido objetal. (FREUD, 1914/1980, p. 118).

Freud (1914/1980) aponta que a criança obtém a ideia de um dano narcísico mediante a perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após o sugar, da entrega diária de suas fezes. Mas o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração. E a ameaça de castração é o que ocasiona a destruição da organização fálica da criança. No complexo de Édipo, se a satisfação do amor aos pais lhe custar a castração, surge um conflito entre o seu interesse narcísico e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo. As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações.

No envelhecimento do humano, esse conflito será reeditado entre os interesses narcísicos e a catexia objetual, pois a perda de um corpo jovem vai remetendo o sujeito ao seu complexo de castração. Se o narcisismo norteou a escolha da criança pela identificação em vez da catexia libidinal dos objetos parentais durante o complexo de Édipo, nos perguntamos agora: O que irá triunfar no envelhecimento?

Para estabelecer um luto de um corpo jovem, é preciso que não haja um recolhimento narcísico, mas uma nova identificação. Para tanto, é preciso que o sujeito possa sair de uma reprodução marcada pelo desejo de repetição de si mesmo para uma reprodução marcada pela criação. Ou seja, sair da compulsão à repetição e abrir espaço para o princípio do prazer consiste em ampliar e tornar complexa as representações da sexualidade e do corpo no psiquismo.

Freud, a partir de 1914, abriu o estudo de várias diferenças conceituais a partir do tema do narcisismo. Freud diferenciou pênis de falo. Complexizou-se assim o que significa organização sexual adulta. E, ainda, contemplou que erogenizar o corpo, sem necessariamente adoecer, compreende alimentar a autoestima através da realização dos ideais do ego. E, fundamentalmente, que ideal de ego e sublimação não podem ser confundidas.

Portanto, a sexualidade do indivíduo adulto precisa de uma satisfação além da sublimação, além do narcisismo infantil, mas não deve estar apenas além do princípio do prazer. Para tanto, faz-se necessário um novo movimento nesta fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetual. O corpo do sujeito volta a ser erogenizado, com uma semelhança, portanto, ao que expusemos sobre a hipocondria. Porém, uma diferença fundamental: o sujeito não irá adoecer se, além desse movimento, ele puder rever seus ideais de ego.

Ao final do texto sobre o narcisismo, Freud (1914/1980) nos fala sobre os destinos do ideal de ego no sujeito:

Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor de punição dos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas. A freqüente causação da paranóia por um dano ao ego, por uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego, é tornada assim mais inteligível, bem como a convergência da formação do ideal e da sublimação no ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas. (FREUD, 1914/1980, p. 119).

A modificação dos ideais do ego ao envelhecer pode ser compreendida como um movimento na compreensão do que significa reprodução da espécie.

No artigo “Escolher sua Herança” inserido no livro *De que amanhã... Diálogo*, Jacques Derrida, em resposta a Elisabeth Roudinesco, abre uma associação: “Se a herança nos designa tarefas contraditórias (receber e, no entanto, escolher, acolher o que vem antes de nós e, no entanto, reinterpretá-lo, etc.), é

que ela atesta nossa finitude. Só o ser que é finito herda, a sua finitude o obriga a isso" (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p. 14).

Só o ser que é finito herda. Esta frase me pareceu "estranha". "Estranha"... *Unheimlich*. Sim, pois o que parecia conhecido é que a finitude estava em quem "deixava" a herança e não na figura do herdeiro. Mas o verbo "herdar" contempla tanto "receber por herança" quanto, segundo Aurélio, "deixar por herança".

Há dois lados que estão contidos no mesmo em função do movimento do verbo herdar. Há dois lados? Derrida (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004, p.239), mais uma vez: "É sempre reafirmando a herança que se pode evitar a condenação à morte... Ela ordena dois gestos ao mesmo tempo: deixar a vida viva, fazer reviver, saudar a vida, 'deixar viver'. Reafirma: "Saber 'deixar', e o que significa 'deixar' é uma das coisas mais belas, mais arriscadas, mais necessárias que conheço".

Assim como no complexo de Édipo, se a satisfação do amor aos pais lhe custar à castração, surge um conflito na criança entre o seu interesse narcísico e a catexia libidinal de seus objetos parentais. E o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo e as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. No sujeito que ultrapassou a idade reprodutiva, esse conflito é revivido, o conflito entre os interesses narcisistas e a catexia libidinal. É chegada a hora de saber deixar, ou seja, saber herdar no sentido desta palavra. A identificação necessária neste momento é com os pais castrados, ou seja, aqueles que um dia, apesar da sua finitude, tornaram-se eternos através de sua herança. A identificação com pais castrados não é a identificação com pais mortos, mas a identificação com pais satisfeitos com seu corpo castrado, ou seja, com sexualidade genital adulta e não apenas fálica.

Portanto, a pessoa, com idade superior à idade do corpo reprodutivo, alia novamente a sexualidade ao seu narcisismo através da identificação com aqueles que lhe deixaram herdar a sexualidade adulta, ou seja, a sexualidade genital castrada, diferenciada da sexualidade fálica onde apenas o fato de ter ou não ter pênis marcava a sua identidade sexual. Essa identificação remete à possibilidade do prazer em saber deixar, o prazer que está além da reprodução pela repetição de si mesmo: está na reprodução dos ideais de ego. A sexualidade envelhece, ou melhor, não amadurece além da sexualidade infantil para quem não cultiva os seus ideais.

#### REFERÊNCIAS

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã: diálogo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 239 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. O cuidado de si. 37. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985/2002. 246 p.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1905]. v. 7, p. 123-252.



## ARTIGO

\_\_\_\_\_. Totem e tabu. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1913]. v. 13, p. 13-194.

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1914]. v. 14, p. 85-119.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1915]. v. 14, p. 271-291.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1920]. v. 18, p. 13-85.

\_\_\_\_\_. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1923]. v. 19, p. 177-184.

\_\_\_\_\_. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: STRACHEY, J. (ed. e trad.). **Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1925]. v. 19, p. 303-320.

JONES, E. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.